

A Lady’s visit to Manilla and Japan

(Edward Serid – sujeitos dominados nunca falam sobre eles mesmos, verdadeiras emoções, desejos ou histórias, precisam ser representado por alguém ‘civilizado’ que falará em seu nome)

Anna D’Almeida, Turismo, no sec XIX

Viagem pelo extremo oriente. Visitou muito mais q Manilla e Japão.

Profundo desejo dos D’Almeida de explorar in loco todas as potencialidades dos países visitados. Viajantes privilegiados.

Japão referido no prefacio do livro mas depois so no cap. 8, no total de 12.

Antes, portos fechados aos americanos, depois do tratado histórico de paz, isso mudou, consequentemente mais turistas para o Japão.

Descrições de viagens são relatos de experiencias pessoais e devem ser interpretados como tal – descrição científica da etnologia ou da historia do país.

A dificuldade da língua dificultou a tarefa, retira conclusos do q ouvia, lia e via. Visitas restritas ao interior do país.

Família anglo-portuguesa e pseudónimo -> Anna D’A.

Anna n adota o português e ignora a religião católica. Filha de oficial e pequena nobreza. Tiveram 3 filhos. Morre aos 30, apesar de na realidade ter 25 – mentira sobre a verdadeira idade p n revelar ser mais velha q o marido – pratica frequente na era vitoriana.

A obra abre c uma dedicatória auto-depreciativa devidamente dirigida ao marido da autora: prefacio chama atenção para a simplicidade do seu propósito ao escrever a narrativa, é um mero divertimento. Promete historietas. Prevalece critério racial, o outro é uma “amusing anecdote”. Evita alusões políticas. Uma ‘senhora’ n instrui o publico, entretém.

As intenções dela entram em contradição com o conteúdo geral do livro.

Study Case – Anna D’Almeida

Prefacio – pró-forma- declaração de intenções consideradas aceitáveis p uma mulher escritora.

A imagem de uma ‘tea-house’ é um ‘bordel’.

Mulheres viajantes vitorianas – atitude auto depreciativa q se tornou regra p a escrita feminina.

Mulher vitoriana de classe media alta q viaja c a família e c uma amiga. Enfatiza feitos e perigos ocorridos na viagem.

Risk taking x privileged travellers

Enumeram aventuras mais ou menos fantasiadas.

Descrições de Anna são de facto precisas e documentadas. Agente de ‘civilização britânica’ e representante orgulhosa da pátria da revolução industrial. Louca métodos industriais europeus. Ao contrario do q diz no prefacio, exprime fortes opiniões sobre politica, governação, religião e justiça social, critica administração portuguesa de Macau quando comparada c a britânica de Hong Kong.

Aborda assuntos reservados ao homem.

Descrição in loco de uma casa de ópio em Xangai.

Razão da viagem – visita as origens familiares do marido.

Viajante veterana = múltiplas observações detalhadas e comparativa. Compara com alguma ironia a expedição aos destinos da moda na Europa. Diz q Ásia é superior à Europa na sua beleza natural e paisagens.

Em Manilla repara q muitas mulheres usam mantilha, com tolerância mas tem limites pois a nudez é p ela um sinal de selvajaria. Contudo, estas questões ã são o foco principal da atenção de Anna. Estas mulheres eram objeto de curiosidade por parte dos nativos.

No final do sec XVIII – viagens mudam da busca escalastica para o prazer visual

A ‘vista’ – colecionar ‘vistas’ Busca de paisagens e beleza

Anna declara q a beleza é arruinada pela ‘repugnante’ visão da pele dos marinheiros. O nativo é um elemento dispensável da paisagem.

Esta materialidade da paisagem está sujeita a juízos de valor (suposições, preconceitos...). Processo de ‘civilização’, turistas q se vêem como grupo isolado cuja contemplação deverá diverti-los.

Os viajantes nunca vêem as coisas do ponto de vista nativo, as suas descrições caracterizam-se por ‘selvagem civilizado’ c ambiente seguro e controlado p se divertirem.

So ocasionalmnt lamenta a sujidade, a falta de privacidd. Descreve um templo budista e um funeral como meras atracções turísticas, sem qualquer tipo de alusão a sua natureza religiosa. Os passageiros ocidentais divertem-se a atirar garrafas a agua.

A nudez dos nativos repugna.

Navios como espaços de transição – superioridade a bordo.

Surge a fotografia, prova que ‘eu estive lá’.

Anna orgulha-se de demonstrar que nunca é um fardo, mas uma ‘senhora’ sem tratamnt especial.

A narrativa está repleta de referencias ao marido como sendo um companheiro de viagem, nunca como uma ‘autoridade’.

Considera os homens asiáticos como sendo intrinsecamente malévolos. Irmandade feminina global na narrativa, assumindo uma atitude maternal em relação as ‘outras’ mulheres que vê como vitimas da sociedade ‘incivilizada’. Descreve-as estereotipamente como pobres, confinadas e oprimidas. Irmandade global = estrutura de pensamento

Concede estatuto à mulher chinesa ‘pela mais clara’, contudo, admira-se quando ve o aspeto duma mulher subjugada ao amor do seu homem. Ela nunca tem um tom moralista ou escandalizado quando escreve sobre estas mulheres, lamenta-as. Altruísmo em moda no sec XIX pelas ‘senhoras’.

Study Case – Anna D’Almeida

Anna intolerante religiosamente, denuncia males do catolicismo. O protestantismo favorecia ‘progresso industrial e intelectual’. Defende q n deve haver criticas, contudo ela fá-las duramente.

Turista + missionaria = mulher viajante na Ásia. Embaixatriz.

Dicotomia – superior -> inferior.

Ética + estética

Distancia social no teatro japonês – hierarquia social

Classe, raça, etnia e religião mais importante que o género. Homem e mulher ‘companheiros’

Dicotomia – olhar -> n tocar